

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE POLITICA E SOCIOLOGIA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**Natalya Amaral Stabile**

**Bodas de Pérola: análise ética e moral na relação amorosa entre Candinho e Juliana.**

**São Paulo, Junho de 2014.**

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE POLITICA E SOCIOLOGIA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**Natalya Amaral Stabile**

**Bodas de Pérola: análise ética e moral na relação amorosa entre Candinho e Juliana.**

Trabalho temático interdisciplinar apresentado para avaliação dos docentes da grade curricular do 1º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

**São Paulo, junho de 2014.**

*Ótimo é aquele que de si mesmo  
[conhece todas as coisas;  
Bom, o que escuta os conselhos  
[dos homens judiciosos.  
Mas o que por si não pensa, nem  
[acolhe a sabedoria alheia,  
Esse é, em verdade, uma criatura  
[inútil.*

*Hesíodo*

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	4
<b>2. UMA BREVE PASSAGEM PELA ÉTICA ARISTOTÉLICA</b> .....	5
<b>3. SABER ENVELHECER</b> .....	7
<b>4. PANO DE FUNDO: DÉCADA 1930</b> .....	10
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	13
<b>6. BIBLIOGRAFIA</b> .....	15

## 1. INTRODUÇÃO

O comportamento humano é temático para muitas ciências e infinito em suas variações. Sendo tão diverso em suas possibilidades de conduta, diversos também foram os questionamentos que tal tema provocou em pensadores no decorrer da história.

Sendo ético todo conhecimento acerca das ações sociais a fim de teorizar e refletir sobre as regras que constituem o comportamento humano e moral a aplicação das mesmas regras dentro da sociedade, guiaremos o estudo através do conceito de ética e moral, mais especificamente a aristotélica, juntamente com outros autores, como Cícero, para compreender a dinâmica das relações sociais, seus dramas, medos, frustrações etc.

Na obra *A festa*, de Ivan Ângelo, adentramos em um cenário com personagens conflituosas em diferentes aspectos, seja esse conflito mais interiorizado, que atinja terceiros ou até mesmo ambos. Para facilitar o estudo, foi selecionado apenas uma das histórias: Bodas de Pérola (amor dos anos 30) com o intuito de observar a relação amorosa entre Candinho e Juliana para resgatar através deste casal alguns dos tantos pesares presentes nas mais variadas relações humanas.

Uma vez que a moral e ética são, em termos mais simples, os costumes e tradições de uma determinada sociedade, recortar um período de tempo foi extremamente necessário para não tornar a reflexão abrangente e sem foco, pois as regras que conduzem o comportamento social variam de período para período e de cultura para cultura. Desta forma, temos um casal burguês dos anos 30 que lida com a falência de sua vida amorosa imerso em crises internas bem marcantes como a abominação ao envelhecimento, infidelidade e suicídio.

Tratar do comportamento humano é uma tarefa extremamente complexa devido às inúmeras situações as quais um indivíduo passa e devido às inúmeras formas que o mesmo pode absorver, canalizar e posteriormente exteriorizar tudo aquilo que obteve como experiência dentro da sociedade. Para tanto, vamos dialogar com a moral e ética dentro das personagens escolhidas, dentro da sua realidade e utilizar como material o que elas mesmas nos apresentam em seu comportamento. Esta breve dissertação tem o objetivo de entender como funciona a conduta ética e moral dentro desta relação e como os costumes e tradições afetam a conduta das personagens envolvidas. Ela será composta por três pontos importantes oferecidos pelos integrantes da trama e que englobam características que não se limitam

apenas as personagens, mas também na sociedade como um todo. São eles: envelhecimento, relação afetiva, e suicídio.

## 2. UMA BREVE PASSAGEM PELA ÉTICA ARISTOTÉLICA

Aristóteles conceituou ética em duas consagradas obras: *Ética a Eudemo* e *Ética a Nicômaco*. Porém, existe um terceiro trabalho denominado “*Grande ética*”, mas este apenas reúne as informações tratadas nas produções anteriores. No que diz respeito ao assunto, o presente trabalho se concentrou em *Ética a Nicômaco*, obra a qual Aristóteles dedicou a seu filho. Nos dez livros que compõem sua elaboração, além de demonstrar grande preocupação com a educação e felicidade do filho, Aristóteles propõe uma reflexão sobre a ação dos homens e sugere que estes guiem seu emocional através da razão para que não se deixem dominar por suas paixões e, dessa maneira, buscar a felicidade individual e coletiva, pois, sendo o homem um ser social, é de sua natureza possuir sentimentos, organizar-se em sociedade, criar leis e formas de governo, portanto, a busca da felicidade também necessita incluir os demais seres humanos que estruturam o grupo social vigente.

[...]E como tal entendemos a felicidade, considerando-a, além disso, a mais desejável de todas as coisas, sem contá-la como um bem entre outros. Se assim fizéssemos, é evidente que ela se tornaria mais desejável pela adição do menor bem que fosse, pois o que é acrescentado se torna um excesso de bens, e dos bens é sempre o maior o mais desejável. A felicidade é, portanto, algo absoluto e auto-suficiente, sendo também a finalidade da ação.  
(ARISTÓTELES, 1991, p.15)

Ética é uma terminologia de origem grega, *ethos*, e pode significar costume, caráter, tradição. O caráter de uma pessoa é formulado por virtudes e vícios, sendo considerado de boa índole aquele que sente prazer na virtude e dor no vício. O vício pode ocorrer pelo excesso ou pela falta, e a dor proveniente deste pode caracterizar um alerta da natureza para indicar um desequilíbrio na justa medida. Aquele que possui um caráter vicioso, ou seja, que sente prazer no vício e dor na virtude sofre de uma desordem em sua natureza. Sendo assim, a repetição de atos virtuosos, fazem com que o indivíduo adquira um hábito que visa à prática do bem. (Faria, 2006, p. 67).

A partir desta pequena explicação, já podemos notar o quanto problemática é a relação entre virtudes e vícios dentro do universo das personagens selecionadas, pois elas parecem conduzir seu comportamento totalmente fora de uma justa medida, fora de um equilíbrio, e tão pouco estão próximos da felicidade. Afinal, como não notar a tamanha desproporção moral em uma abertura feita por Candinho destinando sua esposa à morte e desconsiderando totalmente a existência de Juliana como pessoa dotada de opiniões e vontades: "De uns tempos para cá ela começou a fazer planos para amanhã. Mas amanhã ela vai morrer" (p.33).

No entanto, antes de adentrar o mundo do casal, é importante compreender que virtude pode ser tratada em dois aspectos: Dianoéticas e Ética/Moral. Virtude dianoética está relacionada à sabedoria e prudência, sendo que a segunda completa a primeira instância, pois apenas a sabedoria não é o suficiente para obter felicidade. Na esfera do conhecimento, encontramos embasamento teórico para a produção de ações, porém, é a prudência que orienta tal produção para que sua aplicação no cotidiano seja coerente com as necessidades presentes e, portando, atendam adequadamente aos fins que correspondem. Enquanto isso, virtude ética ou moral está associada aos sentimentos dos homens, seus desejos, e sua prática provém da capacidade de desejar e sentir prazer desde que a razão guie todas essas emoções a fim de alcançar o equilíbrio, ou seja, a justa medida, para que mais uma vez o fim da ação em questão seja obtido.

Atrofiar os desejos e conter por completo emoções não é o ideal. Apesar dos sentimentos interferirem muito em nossas decisões, a ética aristotélica acredita que nossos desejos podem ser educados através do hábito, assim como o comportamento humano. Isso significa que quanto mais se pratica o bem ou quanto mais se deseja o bem (sendo esse bem o fim de qualquer ação em questão), mais facilidade possui esse indivíduo em direcionar suas atitudes em direção a virtude, em direção a justa medida e, por fim, em direção à felicidade. Portanto, com base nessa teoria, uma educação moral é possível assim como uma educação na forma de desejar e sentir prazer. A predisposição em agir bem e querer o bem seria nada mais que um distanciamento no mundo dos vícios, seja por carências ou excessos, através de uma educação moral e ética que tomaria o comportamento humano desde sua base, onde se iniciam vontades e desejos, para estimular a motivação de atos e fins virtuosos.

O desejo, para Aristóteles, apesar de não ser capaz de julgar o que é bom, pois que sua natureza é simplesmente buscar o prazeroso e evitar o doloroso, ele é capaz de seguir o que ajuíza a razão como sendo bom. É preciso, portanto, esclarecer que, segundo o filósofo, o desejo não é de uma natureza

tal absolutamente avessa à racionalidade; ao contrário, ele é próprio de uma natureza que se compõe e participa da razão. E se compõe no sentido de poder ser regrada pelo que a razão determina como sendo verdadeiramente um bem. Isso significa que o desejo é educável e, mais do que isso, *deve* ser educado para que o homem possa realizar de modo perfeito a sua natureza. Portanto, a educação do desejo, além de ser possível conforme a estrutura da alma humana, ela é eticamente necessária. (ORTEGOSA, 2011, p.13)

Apesar de acreditar nesta educação moral, Aristóteles ressalta que ela deve ocorrer sempre através do hábito e não pelo condicionamento mecânico. Além disso, precisamos ressaltar que o ponto de vista adquirido em uma ação nos revela mais do que um ato moral ou imoral. Definir o que é certo e errado é praticamente impossível por se tratar de uma temática variável em termos culturais e de tempo e espaço, por isso tanto se discutiu para compreender como os homens poderiam alcançar a felicidade e viver em uma sociedade onde se preservasse o bem.

Em *A festa*, isso não ocorre de maneira diferente, porque devemos também considerar o ponto de vista das personagens e traçar o mesmo caminho que elas, para de fato entender suas ações. Candinho, apesar de ser uma pessoa instruída e professor de faculdade, não necessariamente consegue trabalhar harmonicamente com seus desejos e sua razão, uma vez que ele parece apenas se guiar pelas emoções e, partindo do ponto de vista desta personagem, a dor está em viver daquela maneira, a dor está em envelhecer e não em morrer e levar consigo a esposa.

### **3. SABER ENVELHECER**

Os medos que a velhice traz aos homens é considerado por muitos filósofos, inclusive por Cícero, atemporal. Esses temores perseguem a sociedade há anos e, talvez, conforme mais avançamos no tempo, notamos que esse medo parece se sustentar além do necessário por contar com os mais diversos aparatos tecnológicos que possibilitam a luta contra a idade. A busca incessante pela juventude acontece muito em nossos dias atuais, mas não precisou de toda modernidade que temos hoje para que muitos se perdessem em angústia ao acompanhar as mudanças que os anos trazem a nossa imagem.

O medo de envelhecer é o que dá movimentação na trama de Candinho e Juliana. O casal envelhece, mas o drama que cerca o processo provém de Candinho e é transmitido para Juliana. A esposa parece que nada sentiria se não fosse o marido. Mas os fantasmas que cercam Candinho indicam um desequilíbrio em sua natureza e demonstram transitar na esfera dos vícios, já que a personagem não foi capaz de se adaptar pelas diferentes fases de sua vida.

Sendo os vícios um mundo de extremos pela carência ou pelo excesso, podemos notar que Candinho carece de muitas sensações como empatia pela esposa e razão para guiar suas ações, mas também excede por almejar tanto a juventude que lhe foi tirada pelo tempo e conduzir seu comportamento apenas em busca desse prazer que outrora compunha sua realidade. Enquanto isso, Juliana também possui falhas na sua formulação moral, pois ela carece nas demonstrações de opinião e atitude, mas se excede na maneira como se relaciona com o marido permitindo que ele a subtraia como pessoa e até mesmo ignore sua existência como um ser humano dotado de emoções e expectativas.

E é dentro deste contexto que o casal envelhece. Temos, então, um envelhecimento que é abominado por Candinho por acreditar que seus prazeres, amores e alegrias estavam unicamente atrelados à juventude e que na velhice apenas padecem: "e foi tão maravilhosa aquela primeira vez, com juventude e o sentimento do pecado - havia deus naquela época - que ficamos horas abraçados, mortos, como mortos mesmo, assustados diante de tanto prazer" (p.33).

Este fragmento é exposto no início da história e já revela muito sobre a forma como a idade pesa para a personagem. Utilizar termos como "juventude" e "deus" no mesmo raciocínio passa a sensação de esperança e sonhos, como se naquela época, por serem jovens, tudo era possível e tudo era mais intenso. Ser jovem se torna uma condição para ser feliz e essa ideia é um tanto quanto problemática por delimitar felicidade em apenas uma questão e por delimitar certos prazeres apenas a juventude.

Certamente, incapazes que somos de resistir a todas as tentações, temos que ceder, aqui e ali, ao prazer. (Platão escrever formosamente que ele é a "isca do mal", os homens deixam-se fugar por ele como peixes.) Se a velhice deve evitar banquetes excessivos, ela pode muito bem desfrutar o prazer das refeições equilibradas [...]. (CÍCERO, 2012, p. 39)

Juntando os pensamentos de Cícero e Aristóteles, podemos encarar a velhice como uma fase da vida em que todo o conhecimento obtido gera uma sabedoria capaz de utilizar a

razão para atenuar os impulsos dos prazeres e, tendo os desejos guiados em busca de uma conduta moral adequada, atingimos a justa medida, ou seja, a virtude. Isso significa que a idade, somada aos os fatores citados, está associada a virtude, uma vez que esta pode ser cultivada em qualquer fase resultando em frutos que colhemos após uma existência bem vivida. (CÍCERO, 2012, p. 14)

Expor a questão do prazer juntamente com a conduta moral e ética é necessário para compreender a frustração de Candinho. Trata-se de uma pessoa que só soube apreciar e viver bem enquanto sentia que o mundo dos gozos estava ao seu alcance, um indivíduo que só soube amar e interagir com Juliana enquanto era jovem e, principalmente, enquanto a via jovem. Seu comportamento era aceitável e agradável enquanto ele e a esposa usufruíam do vigor que a juventude prega, mas que não necessariamente esteja presente apenas nela.

Não obstante, ainda é preciso mencionar que nem Candinho e nem Juliana atingiram o estágio da velhice o qual é tratado por tantos filósofos. Eles estariam caminhando em direção a esta fase da vida e isso já é o suficiente para que Candinho repudie sua situação. A personagem não tem intenção de alcançar essa meta e se julga no direito de poupar a esposa desse "infortúnio" que, nas próprias palavras de Candinho, corrompe o homem.

Morre-se muito tarde. Sem nenhuma dignidade, o homem fica esperando, adiando, envelhecendo. Não, ninguém vai decidir a hora da minha morte, eu mesmo posso escolher, ainda tenho essa velha consciência esperta.[...] A puta velha pensa, acredita!, que seu prazer ainda é o mesmo da juventude, com esses seios! Ela acredita que estou cada dia mais acostumado - à velhice! Já não se levanta sorratamente para verificar o gás. Já não tem receio de comer o que lhe ofereço. Ela se acredita em segurança, livre do pacto. É o melhor momento. (p.38)

Considerando os pensamentos expostos por Cícero, a real ruína não estaria no físico do ser, mas em seu caráter por julgar que seu bem estar, sua plenitude, acabou junto com a juventude. A alma permanece e ele acredita que ela seja eterna mesmo após a morte, então, deveríamos nos apoiar nos valores que constituem nossa alma e que estaria, ao contrário do que Candinho sente, com suficiente vigor na velhice para até mesmo instruir os mais jovens e educá-los sobre a natureza do envelhecer.

A soma de todo asco e medo que Candinho sente no processo de envelhecimento próprio e da esposa, resultará na tentativa de suicídio. Seu medo provém da velhice e não da

morte e isso é curioso levando em consideração que para a época e região provavelmente estavam inseridos em uma sociedade predominantemente católica/cristã e, em termos de tradição religiosa, é mais natural se temer a morte e abominar o suicídio, no entanto a velhice é sua verdadeira aflição e morrer uma solução, sendo esta uma vida pós-morte ou até mesmo uma total inexistência. O importante é não permitir que a idade avance e o tempo acabe cada vez mais com a sua "dignidade".

Os jovens estão mais propícios, devido à pouca vivência e experiência, a ceder aos encantos dos desejos e se entregar ao que é único e exclusivamente prazeroso. Dedicar-se apenas aos prazeres não tem nada de virtuoso e pode acarretar na devassidão, um ponto extremo no mundo dos vícios onde não se é possível mais utilizar a razão e tão pouco alcançar o bem maior que seria a felicidade.

Candinho tem sede por juventude, mas uma juventude devassa onde lhe é possível adentrar nos excessos dos prazeres ignorando qualquer consequência e produzindo uma ação final totalmente desprovida de ética, o suicídio induzido de Juliana. Sua própria morte não merece ser julgada, porém não podemos dissociá-la também dos seus valores éticos, já que sua busca é ocasionada pelo pavor do que o espera na velhice demonstrando assim falhas na formulação de caráter desprovido de virtudes: "[...]o que se entrega a todos os prazeres e não se abstém de nenhum torna-se intemperante, enquanto o que evita todos os prazeres, como fazem os rústicos, se torna de certo modo insensível." (ARISTÓTELES, 1991, p.31).

#### **4. PANO DE FUNDO: DÉCADA 1930**

Até este ponto, tratamos sobre questões morais voltadas ao envelhecimento e mais em Candinho. Contudo, temos outra personagem, Juliana, que possui aspectos tão conflitantes quanto seu conjugue, mas que se formulam através de outra ótica. Juliana é mulher, e como mulher na década de 30, não podemos deixar de observar sua época, pois temos aqui problemas que envolvem o gênero da protagonista e, diferentemente das questões de envelhecimento, já variam com mais significância entre períodos.

Talvez a "guerra" entre sexos seja de certa forma atemporal como os dramas que cercam a velhice, já que sempre existiu. Mas sua existência e aplicação se alteram

consideravelmente em tempo e espaço. O período em questão é marcado por muitos conflitos sociais como a ascensão da burguesia industrial e a luta de classes realizadas por trabalhadores urbanos e rurais. E, dentro deste contexto, podemos resgatar outras tensões como a reformulação na relação entre homens e mulheres dentro e fora do casamento. Apresentando crises tanto na vida das relações conjugais quanto na vida social a qual os sujeitos estão inseridos. (MOREIRA, 1997, p.26).

A década de 30 é marcada por *glamour* nas maneiras de se vestir, não somente nos países estrangeiros como os Estados Unidos e Europa, mas também no Brasil, que sempre possuiu uma classe média alta inclinada a seguir as tendências do exterior porque era "chique" e porque era melhor, situação que não difere muito do comportamento moderno. As mulheres, como em outros períodos históricos, também passam por um processo de padronização da imagem e nos seus modos e seu papel é bem definido na sociedade, assim como é o do homem.

Em seu artigo, Maria de Fátima Solum Moreira, menciona o "perigo feminino". Um perigo que, por meio de seus estudos, recolheu inúmeras citações feitas em meios de comunicação e artísticos distintos como poemas, crônicas, caricaturas e provérbios do período trabalhado. A mulher e o casamento são vistos de forma negativa, "sob suspeita" e a imagem feminina é voltada para o mal e para o perigo: "A mulher é o anjo da terra (dizem os poetas) sim, não se pode duvidar disso. Pois o demônio não chama seus servos de anjos?" (Nossa Estrada, jul.35, p.2, apud MOREIRA, p.26).

Em um ambiente onde a mulher é considerada incapaz de agir e pensar sozinha por ser considerado um ser que só vive pelas suas vaidades e desejos, não existe possibilidade de esperarmos um comportamento diferente de Juliana. Ela é uma personagem subtraída pela sociedade, antes de ser subtraída pelo marido, pois a conduta moral desta época é patriarcal e, sendo a protagonista uma mulher pertencente à elite, nada se espera dela senão ser submissa, e cumprir seu papel de quem cuida do lar, do marido e dos filhos.

Juliana é passiva a tudo, mesmo cometendo o adultério. Sua aventura sexual nada mais é do que algo que supre a necessidade de afeto de que é desprovida graças à bruta rejeição de seu marido. Ela nasceu por volta do início do século XX e foi criada neste mesmo ambiente. Seu comportamento nada mais é do que uma dura reprodução do que a tradição de costumes impunha para as mulheres. Sua passividade a impede de ser livre e a impossibilita de ser

tratada como um agente moral, tendo em vista que um dos pontos cruciais para avaliar a moralidade de um indivíduo é observar sua liberdade de expressão e opinião.

Passivo é aquele que se deixa governar e arrastar por seus impulsos, inclinações e paixões, pelas circunstâncias, pela boa ou má sorte, pela opinião alheia, pelo medo dos outros, pela vontade de um outro, não exercendo sua própria consciência, vontade, liberdade e responsabilidade. (CHAUI, 2012, p. 384).

Então, como avaliar o caráter de uma pessoa, sua ética e moral, se ela não pensa por si? Juliana é um ser pensante, é um ser humano como qualquer outro e é óbvio que ela sente seus próprios desejos e vontades, mas a história que participa nos apresentam valores importantes antes de julgar a personagem, pois seu enredo mostra claramente a situação de inúmeras mulheres que viveram nesse período, mulheres que são diminuídas perante a família, perante aos homens. A incompetência de Candinho para enxergar sua mulher como alguém que precisa existir por si só, além de ser reforçada por sua conduta moral egoísta e desprovida de virtudes, é apoiada pela própria moral e ética que constitui a sociedade deste tempo.

Desta forma, podemos considerar inviável avaliar o caráter de Juliana por ela ser influenciada por impulsos externos e que não necessariamente existiriam dentro de um outro contexto. Ainda assim, podemos dizer que ela habita o mundo dos vícios predominantemente pela carência de atitudes e opiniões próprias e se excede no que diz respeito ao seu sentimento para com o marido, anulando suas necessidades e apenas compreendendo o lado de Candinho na inútil esperança de que ele a ame como a amava em sua juventude.

[...] Talvez aquela loucura dele, aquelas armadilhas para me matar, fossem amor por mim. Porque...veja bem: agora ele sai às tardes, catando meninhas com ar de devasso, nem sei como a polícia não vê. Está ficando até alegre. Mas eu não participo disso, entende? Antes, quando - quando ele queria matar a gente, era uma ligação. [...]É isso: naquela época eu acho que ele me amava porque queria morrer junto comigo[...] (p. 157).

Sua passividade é tão extrema, o romantismo é tão imprudente de acreditar que o marido a amava por querer matá-la às custas de um pacto feito na adolescência, que será fator importante em sua morte. Juliana simplesmente aceita morrer com Candinho, não porque está em crise com sua velhice, não porque ela necessariamente deseja o sexo da juventude novamente, mas porque ela acredita que esse marido merece essa consideração, amor e

comprometimento. A dor está em continuar vivendo sem o "seu" Candinho de antigamente e na rejeição, portanto, muito melhor morrer naquele instante em que o companheiro recua no comportamento e a trata como tanto ansiava e tanto sonhava.

Neste caso, o maior drama parece ser o de Juliana. Ela está totalmente sozinha em um ambiente nada favorável para suas condições de mulher. Não consegue exprimir necessariamente o que sente e é muito provável, sem querer desconsiderar o amor e sentimentos da personagem, que até mesmo suas paixões sejam movidas pelos costumes impostos onde à esposa sempre compreende e acompanha cegamente seu marido.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Levando em consideração a temática tratada, entendemos que em termos de valores morais e éticos o ser humano deveria se constituir no fim de qualquer ação o bem, para que então atingisse o bem maior entre todos: a felicidade. A conduta, além de abranger a felicidade individual, nunca deve se esquecer do grupo ou membros envolvidos nas questões sociais sempre consciente de sua existência e da existência dos outros como seres dotados dos mesmos direitos.

Questões sobre o ideal do comportamento humano sempre foram debatidas e teorizadas, entretanto, nunca atingidas. O ser provido de virtudes, mesmo que poucas, é raro e a dificuldade em trabalhar em prol da felicidade do grupo é extrema, principalmente nos dias atuais quando se propaga a individualidade exacerbada por vias de um sistema predatório e mesquinho, o capitalismo.

O presente trabalho tomou como objeto de estudo um casal que lida com conflitos expressos também na sociedade. Envelhecimento, morte, suicídio, paixões, prazeres, loucura são assuntos que compõe diversas culturas em diferentes épocas. Candinho e Juliana não fazem parte de uma exceção, mas talvez de uma regra. O comportamento dos indivíduos na obra, em geral, carece de uma justa medida e, portanto, de ética.

Quando falamos em atingir o bem maior, a felicidade, notamos que as personagens envolvidas se distanciaram do objetivo por questões morais da época e por questões morais próprias. Candinho não suporta sua realidade, não aceita que envelhecerá como qualquer

outro. É uma pessoa instruída e com recursos para sempre se manter assim, mas a sabedoria e conhecimento não são os únicos critérios que possibilitam aquisição de virtudes. Juliana está imersa nos valores morais de sua época e é a mais afetada por eles, mais do que os seus próprios valores que parecem até inexistentes.

No livro, não fica claro que o casal morreu, porém, levando em conta o objetivo da ação, a felicidade para ambos estava na morte. E, apesar dos valores da época irem contra o suicídio, as personagens que tanto se influenciam por tradições de seu tempo, não se intimidam em concretizar o feito, pois a sua própria moral (sendo ela questionável ou não) vê como a morte como solução.

Para manter a ordem entre os homens muitas regras foram feitas e muito foi dito a respeito de como deveríamos nos comportar. Os costumes e tradições afetam a sociedade uma vez que os mesmos ditam como o indivíduo deve proceder. A complexidade da psique humana impossibilita prever como os membros de um determinado grupo exteriorizam o que absorvem do seu cotidiano. O envelhecimento, por exemplo, atingiu Candinho de maneira abrupta fazendo com que ele não conseguisse mais trabalhar com sua razão e conduzir seus atos dentro da ética. O personagem não possui justa medida e acaba corrompendo sua esposa, que por se tratar de uma pessoa passiva também abandona a razão para guiar suas ações se tornando uma marionete nas mãos de outro.

## 6. BIBLIOGRAFIA

AGGIO, Juliana Ortegosa. **Prazer e desejo em Aristóteles**. 2012. 205 f. Tese (Doutorado em Filosofia)—Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os Pensadores v. 2).

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2012.

CÍCERO, Marcus Tullius. **Saber envelhecer**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

FARIA, Maria do Carmo Bettencourt de. **Aristóteles: a plenitude como horizonte do ser**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

Moreira, Maria de Fátima Salum. Homem e mulher na década de 30: tensões sociais e vida cotidiana. **Revista de Ciências Humanas**, Santa Catarina, v.15, n.21, 1997. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23352/21029>>. Acesso em: 23 abr. 2015.